

**RITUAL OLÍMPICO E OS MITOS DA MODERNIDADE:
IMPLICAÇÕES MIDIÁTICAS**

Fernando Gonçalves Bitencourt
Doutorando em Antropologia Social – PPGAS/UFSC
Centro Federal de Educação Tecnológica – Unidade de São José
Pesquisador do Observatório da Mídia Esportiva – CDS/UFSC
Pesquisador do Núcleo de Antropologia Visual e Urbana – PPGAS/UFSC

Resumo

Este ensaio pretende discutir os Jogos Olímpicos de Atenas como um ritual que organiza e estrutura as narrativas míticas que constroem a modernidade. Reflete sobre o papel dos meios de comunicação de massa na disseminação destas narrativas através da divulgação massiva deste ritual, produzindo um processo de identificação dos sujeitos através de estratégias específicas, colaborando na fragmentação das identidades e na cisão entre cultura subjetiva e cultura objetiva, o que, conforme Simmel, configuraria-se na tragédia da cultura.

1. Abertura

Mais uma vez vivemos tempos de Olimpíadas. De volta à Grécia, os jogos se reencontram com a história e prometem reconstruir e projetar o “sonho” olímpico para um dever inestimável. Ao voltar ao berço, refaz um percurso poético produzido pelas versões de narrativas eleitas dignas para alcançar a “todos”, expondo a luz, ao mesmo tempo, mitos importantes para o entendimento dos tempos atuais, que se cristalizam numa modernidade emergida com o Renascimento. Este evento de múltiplas linguagens, atualização de expectativas humanas há muito erguidas, toma de assalto a vida cotidiana e remete uma multidão de espectadores e *blasés* ao esporte e sua pantomima. Como recorrência simbólica, mais do que ação, o que teremos é narração.

Para adentrarmos neste universo, podemos tomá-lo sob muitos ângulos. Os apologistas aguardam os grandes feitos, as vitórias emocionantes e a tristeza desgraçada do fracasso. Outros, investidos de um orgulho nacionalista, esperarão ansiosos a participação de seus países e contabilizarão as medalhas em comparação com o passado e o vizinho, prometendo melhor sorte e mais investimentos no futuro. Outros fustigarão os avanços científicos e tecnológicos que produziram resultados surpreendentes, assim como tantos outros estarão ligados na “traição” trapaceira do *dopping*. Estas questões também merecem um olhar atencioso e crítico. Nosso caminho, aqui, será outro, mas tomando os mesmos objetos.

Um paradoxo estimula a imaginação, inquieta e nos faz refletir sobre as características que marcam este evento. Ele pode ser pensado sob um prisma inicial que liga o tempo ao espaço, a narrativa à ação: o mito ao ritual. Pensemos um pouco sobre a questão.

A modernidade – e a globalização como seu corolário – pode ser, em um sentido específico, entendida como um processo de aceleração do tempo e o conseqüente encolhimento do espaço em virtude desta aceleração, devido a velocidade de deslocamento propiciada pelos meios de transporte e informações, em linhas gerais, fruto do aperfeiçoamento da tecnociência. Decorrente desta aceleração, uma série de

desarticulações parecem atingir as subjetividades, que tem levado a fragmentação do sujeito e ao esgarçamento do tecido social, resultando numa certa esquizofrenia e na perda de sentido. Entretanto as pessoas dizem parar para ver as olimpíadas. Como é possível parar? Em que sentido isto se dá, na medida em que a velocidade aumenta?

Por outro lado, se há um encolhimento do espaço em relação ao tempo, vemos no tempo Olímpico o espaço se expandir ao máximo. Atenas alcança o Globo. Um pequeno lugar alarga-se na escala planetária e imiscui-se nos recantos mais distantes, onde haja uma antena, um rádio, uma televisão. Todos estamos em Atenas, ou melhor, Atenas está em nós, sob muitos ângulos, diversas perspectivas, inúmeras narrativas. Como o espaço pode se expandir a ponto de nos alcançar? Como Atenas pode fazer para nós, de qualquer outro lugar, algum sentido em termos de lugar?

Estas questões, articuladas em torno do aqui e agora e da velocidade de deslocamento têm seu suporte, é claro, na tecnociência. Mas reveste-se de elementos simbólicos importantes, radicados na correlação mito e rito – narrativa e ação – que são os fundamentos dos argumentos que lançaremos para discutir o paradoxo levantado e de como, vivendo num tempo/espaço diferente do olímpico, construímos estratégias de nos vincularmos ao discurso universal, de sermos também modernos e de fazermos parte desta identidade planetária construída em torno dos Jogos Olímpicos de Atenas/2004.

Nestes termos, este breve ensaio pretende articular uma análise macrossociológica – mesmo que ligeira – do evento esportivo mencionado ao processo jornalístico que visa incluir o local no universal através de estratégias discursivas que relacionem o evento de ordem global ao microcosmos da vida na pequena cidade e, porque não, ao mais íntimo do indivíduo, sua identidade.

2. Rito e Mito

As análises antropológicas sobre mito e rito caminham por diversas perspectivas, que, é claro, não cabe aqui destacar. De todo modo duas formas de análise investem-se de importância, a saber, a que reconhece uma relação entre os rituais e os mitos no que poderíamos chamar de complementaridade circular e, uma segunda, que pensa os rituais e os mitos como eventos separados e não necessariamente complementares. Para o que nos cabe tomo aqui a primeira assertiva. Com isso, separo-me de análises que procuram no mito as formas profundas da mente humana e reconheço nestas narrativas, modelos explicativos para a vida social, ou, de maneira mais ampla, para o entendimento cosmológico do mundo das diferentes culturas.

Entendendo que rituais e mitos, para o que nos cabe, encerram uma correlação, tratarei primeiramente da idéia de ritual para, em seguida, refletir em que sentido os mitos inscrevem-se na ordem ritual e os reforçam.

Os rituais, segundo Rivière (1996) são eventos que se repetem com certa frequência, geralmente de modo cíclico e que de modo geral cumprem três funções principais, quais sejam: a) introduzir um elemento separado do conjunto social no grupo, abrindo ao integrado a participação na identidade coletiva, como sugere os inúmeros ritos de iniciação e de passagem que conformam a vida social; b) resolver momentos de crise ao, através de sua simbologia, fazer reencontrar num todo harmonioso as partes conflitantes ou elementos em descaixe e; c) manter a estrutura social através de eventos cíclicos que simbolizem a coesão social, o sentimento de pertença e configure a identidades individuais e coletivas.

Estas funções apresentadas não esgotam as análises sobre o ritual, mas são, em nosso caso, os elementos que podemos destacar para gerar a coerência textual que buscamos nessas análises. Sendo assim, reafirmo que, para estes casos, os mitos, que são narrativas que pretendem dar alguma coerência ao mundo – por exemplo sobre sua gênese

ou sobre sua permanência estrutural para os determinados grupos – não são, com efeito, unívocos e idênticos e estão sujeitos a reformulações em determinados contextos.

Leach (1996) nos mostra, ao estudar os “Sistemas Políticos da Alta Birmânia” como o mesmo mito, narrado para configurar uma estrutura social, podia ser utilizado por opositores políticos, sob os mesmos termos mas com interesses que transformavam a narrativa em seu favor. Nestes termos, um mito de origem podia ser empregado pelos diferentes atores sociais em circunstâncias específicas que os beneficiasse, sem, contudo, perder o essencial contido nos elementos estruturais da própria narrativa mítica. Com esta demonstração, Leach evidenciou o uso político dos mitos e seu poder de construir a realidade em consonância com interesses privados ou coletivos.

A modernidade é carregada de narrativas míticas e de rituais que ciclicamente respondem pela necessidade de se confirmar estes mitos e estruturar a realidade social sob o prisma concebido como moderno. Nosso próximo passo será apresentar as principais narrativas que compõem a modernidade e examinar um ritual importante para a sua estruturação.

3. Modernidade e Globalização: narrativas

A modernidade, uma reinvenção do passado articulada pelo Renascimento e pelo Iluminismo, tem seu principal fundamento ancorado no uso da razão. Mas ela é um tanto mais plural e, concebida sob esta bandeira, ainda incorpora elementos do monoteísmo cristão e de elementos recorrentes ligados a natureza. Esta tríplice formulação pode ser resumida nas questões antropológicas que perseguem o ser humano – ou que o ser humano persegue: natureza, cultura e sobrenatural.

Sabemos que a modernidade, por princípio, está ligada a uma nova episteme, conforme sugere Foucault (1992), que viria a classificar e organizar o mundo sob os auspícios das ciências matemáticas, médicas, jurídicas e etc. Mas esta classificação, que põem o humano no centro do universo vai estruturar-se com o advento da industrialização e crescente urbanização das cidades, com a burocratização das organizações estatais, a secularização, com o avanço da técnica e da ciência e, conforme Waizbort (2000) citando Simmel, com a disseminação do dinheiro como forma abstrata de medir o valor das coisas.

Entretanto, esta crescente racionalização não vai ser capaz de impedir a fé em um Deus que é e, que em seu poder demiúrgico, vai continuar a controlar e organizar o tecido social. Assim, concomitante ao advento da ciência e seu poder de explicação do mundo, as Igrejas, representantes do poder divino na terra, continuam a responder por uma série de questões existenciais que assombram a vida humana. Ao mesmo tempo, Adorno e Horkheimer (1985) nos lembram que a ciência se converte em novo mito (religião) e que em última instância o poder da ciência é fundada sob a fé em suas realizações.

Do mesmo modo a natureza permanece viva na modernidade, seja ela pensada como fora de nós e como um problema ecológico a ser resolvido, ou seja a própria natureza humana, inscrita em nossa corporalidade e *psiqué*, e que suscita profundos debates em torno do que é ser humano. A natureza, interna ou externa, aparece como, por um lado, o ponto de equilíbrio para um resgate do propriamente humano e, por outro, um empecilho ao avanço infinito do progresso científico tecnológico.

Estes três elementos que estruturam a vida moderna estão sob as pressões dos mitos de fundação destes dias em que vivemos e que tem na idéia de progresso infinito, base narrativa de um positivismo que se imiscui no capitalismo ora neoliberal e de um discurso universalizante e que precisa ter em sua agenda, ritos que atualizem seus ideais e que fortaleçam a identidade planetária em torno destes pressupostos.

Reconhecemos, entretanto, profundas contradições nesta modernidade em que o capitalismo tornou-se hegemônico e que, em sua versão globalizante – efeito operado,

como mencionamos na abertura – pelos velozes meios de transporte e comunicação, que nos impõem uma aceleração brutal da vida, encolhendo o espaço em relação ao tempo, implicando em alterações profundas em nossa sensibilidade e em nossas subjetividades. Este mundo que se articula em torno do capital, que se expande através do consumo e se encolhe em termos de posse de capital e é fustigado pela violência precisa então formular discursos homogeneizantes, que integrem os mais distantes e excluídos na comunidade planetária.

Entretanto, os deslocamentos causados pela aceleração constante e a perspectiva de progresso infinito via tecnologias, tem gerado a fragmentação das identidades, conforme assinala Hall (2003), gerando diferentes posições sociais, nas quais os sujeitos precisam se reconhecer, e que não fornecem a segurança de um Eu único, mas um processo esquizofrênico de construção da identidade. Segundo Harvey (1996) a modernidade caracteriza-se por um infindável processo de fragmentação e rupturas em seu interior, o que deixa o indivíduo e o tecido social repleto de fissuras, fraturas e cortes abertos que devem ser preenchidos, normalmente pelas mercadorias.

Se a modernidade veloz constrói esta fragmentação, ao mesmo tempo precisa criar mecanismos que suportem suas narrativas míticas e reorganizem a sociedade numa identidade menos flutuante. Este suporte tem sido, junto com as mercadorias – e/mas como mercadoria – o esporte. Trataremos deste ponto a seguir ao abordarmos os Jogos Olímpicos como um dos vários rituais que se desenvolveram para os fins acima mencionados.

4. Jogos Olímpicos: rito profano e mito

A reinvenção dos Jogos Olímpicos no final do Séc. XIX acabou por articular a modernidade à Grécia, algo que, como já vimos, o Renascimento e o Iluminismo já haviam tratado de realizar. Mas tal evento não ressurgiu apenas como o sonho encantado de um visionário, ao contrário, é fruto do espírito do tempo e dele carrega e amplia seus significados. A Olimpíada da era moderna é, para citar Mauss (1974), um “Fato Social Total”. Nela, cultura, política, economia, direito, história, religião, etc. se encontram formando um todo complexo que abarca as diferentes esferas da vida social, elementos componentes de uma modernidade que, em sua velocidade e aceleração, permanece, paradoxalmente, a mesma.

Rivière (1996), chamaria os Jogos Olímpicos de um ritual profano, pois desvinculado das questões especialmente religiosas teria sua realização vinculada a interesses ligados a estruturação e organização da vida social, neste caso, em escala planetária. Nestes termos, realizado de quatro em quatro anos, sob a bandeira da paz e integração dos povos e sob o lema: “mais rápido, mais alto e mais forte” as Olimpíadas configuram-se como um ritual moderno no qual as narrativas desta modernidade se atualizam. Neste aspecto os jogos funcionam como elemento simbólico catalisador de idéias modernas e aglutinam em torno de si os olhares dos sujeitos espalhados pelo globo em suas coletividades.

Vejam algumas articulações entre os Jogos Olímpicos enquanto ritual e as narrativas míticas que fundam a modernidade. Tomaremos apenas quatro pontos para não nos alongarmos na questão:

- a) A modernidade pretende-se um discurso universalizante, logicamente a partir de um ponto de vista ocidental – evidentemente eurocêntrico e agora também americanocêntrico - , baseado na idéia de paz e confraternização entre os povos. Nestes termos os Jogos abarcam, hoje, duzentos e oito países, tendo na cerimônia de abertura e durante os jogos as bandeiras dos países, os símbolos da paz e da congregação dos continentes em elos de cores representativas como epítome do evento.

Marca também o evento o discurso do jogo amigável e limpo além da idéia de que o importante é participar. Assim, atletas convidados, sem nenhuma possibilidade atlética de competir nos níveis exigidos estarão presentes como fantasias desta realização.¹

- b) Celebrando o mito do progresso infinito, este rito é marcado pela expectativa da quebra de recordes de força, velocidade e altura e aposta em todas as possibilidades para que estes objetivos sejam alcançados. Por um lado, aposta-se na natureza aguerrida, lutadora e vencedora do ser humano, uma natureza que nos faz transcender, vencer obstáculos (adversários ou inimigos); espera-se, do mesmo modo, que os deuses interfiram no resultado e abençoe um vitorioso, de preferência com uma performance inesquecível e, mais importante, aposta-se na tecnociência, através do desenvolvimento do treinamento desportivo, dos equipamentos e instalações, do regime nutricional e dos mais sofisticados métodos tecnológicos para a melhoria da performance (inclusive o *dopping*) para que se realize o avanço das marcas e se confirme e atualize o mito.
- c) Apresenta-se também em relevo um discurso moral, ligado aos valores ocidentais da justiça e da ética. O uso de substâncias ilegais, o *dopping*, é a síntese ritual da moral capitalista, na qual os esforços para se proteger a propriedade privada e a luta contra a violência e o roubo são ataques aos menos desfavorecidos, com menores condições de capital e que portanto, seja no esporte, seja na vida diária, teria menos possibilidade de esconder seus ganhos ilícitos.
- d) Por fim, refaz-se o discurso liberal capitalista da igualdade de chances e do “que vença o melhor”. O esporte, de modo geral, e as Olimpíadas em particular – pois atraem os olhares do globo – reforçam em nossas subjetividades o espírito individualista da contemporaneidade, caracterizado por uma profunda desigualdade social, política, cultural e econômica, mas que é encoberta pela idéia de que todos nascemos livres e iguais perante a lei e perante Deus, imprimindo em nossas vidas o peso do fracasso, que deve ser entendido como natural e portanto, legítimo.

Estes são alguns elementos que sugerem as relações estreitas entre as narrativas míticas modernas e que encontra nos Jogos Olímpicos um ritual importante para inscrever seus significados na sociedade, através do uso simbólico, metafórico e porque não poético que á atribuído aos esportes, aos esportistas e a suas façanhas.

5. Mídia e Olimpíadas: a formulação da identidade/identificação

Como mencionei anteriormente, os Jogos, que acontecem em um espaço restrito, mas num tempo que poderíamos chamar de virtual, precisam, em sua lógica, atravessar as fronteiras internas de sua realização por atletas, árbitros e etc e transformar-se em um discurso que atinja os sujeitos em seus espaços de sociabilidade. Deste modo, os meios de comunicação seriam os responsáveis por transformar os atos em narrativas, o ritual em mito e realizar as funções rituais que descrevemos, a saber, coesão, harmonia e construção e manutenção da identidade coletiva universal.

Vejamos então como poderia a Mídia operar esta transformação do local para o universal. Vimos, primeiramente, que os sujeitos sociais param para assistir aos Jogos Olímpicos. Esta sensação de estar parado apenas serve como baliza para aceleração que se opera quando um evento desta natureza se realiza. Se o “mundo” pára para ver os jogos, o mesmo mundo é pura velocidade de informações, de mercadorias, de capital e de fluxo de pessoas em diferentes direções. O olhar convergente tem como reação o retorno implacável das narrativas modernas que aceleram os tempos atuais.

Parados no tempo, Atenas vem até nós. Junto com este espaço, que a mídia constrói em seus muitos ângulos e inúmeras perspectivas, somos invadidos por este universo

¹ Para que os jogos celebrem a paz, entretanto, quase dois bilhões de dólares foram gastos em segurança.

simbólico que simboliza o universal e nos sentimos parte integrante desta comunidade. Entretanto, esta é uma estratégia, em primeiro plano simples. Ela se radicaliza quando passamos da identidade para a identificação, processo que coloca o sujeito em articulação sensível com o objeto identificável e dificulta sua possibilidade reflexiva, embotando o olhar.

É nestes termos que as mídias de circulação local – nacional, estadual, municipal e etc. – vão buscar no contexto amplo dos jogos e seus inúmeros atletas aqueles que mais se identificam com o local do qual a mídia fala, e dentre estes, os que podem obter os melhores resultados. Essas afirmações, que exigiriam um estudo mais detalhado, algo que um ensaio apenas pretende apontar, pode ser notada na insistência com que os jornais locais falam dos atletas de Santa Catarina – e no nosso caso, também de Florianópolis – que participam da competição. Talvez uma análise quantitativa destas matérias em comparação com outros temas e a conseqüente análise de conteúdo possa nos indicar melhor como opera os meios de comunicação de massa nestes eventos.

Um ponto, entretanto, não deixa dúvida. Os meios de comunicação, ao criar a associação afetiva e imaginária de estarmos lá, competindo, através de conterrâneos, próximos ou distantes, deixam os sujeitos e as sociedades locais em conexão com o discurso universal amalgamado no universo simbólico/ritual dos Jogos Olímpicos e ao mesmo tempo difundem e colaboram para inculcar os mitos que este ritual reforça, produzindo, na trama de significados que é gerada no processo cultural esta identificação com o universal, com os Jogos e com seus efeitos.

6. Últimas palavras

Não chamamos atenção aqui para as inúmeras contradições que percorrem a modernidade, sejam elas no campo cultural, político ou econômico. Entendemos que vivemos em tempos em que a exploração capitalista atinge um estágio perigoso e que há inúmeros riscos à vida na terra, que atravessam a vida humana sob inúmeros flagelos como os da fome miserável, os da ignorância e os da guerra. Entendemos também, que sob o disfarce da paz, da comunhão entre os povos e do progresso da humanidade, interesses político-econômicos rasgam as Olimpíadas em um ritual que mistifica as inúmeras formas de exclusão e classificação que ainda nos embrutecem.

Os meios de comunicação, de massa ou não, ou são porta vozes desta ilusão ritual, ou colaboram na reinterpretação e na construção de novos mitos, já que não é mais possível viver sem o poder de penetração no tecido social destes meios. Ao mesmo tempo, estratégias de recepção crítica precisam ser formuladas para que o discurso fácil da transcendência humana através da sua superação performática infundável continue a ser um veículo de alienação.

Simmel (Waizbort, 2000) identificou na modernidade, em virtude do valor abstrato do dinheiro e da sua velocidade e facilidade de circulação – algo que Marx percebeu na alienação do produto do trabalho do trabalhador, mas que Simmel ampliou para toda a esfera da vida – a cisão entre a cultura subjetiva e a cultura objetiva. Para este autor, toda cultura subjetiva é objetivada na arte, na ciência, na política etc. O problema é que não há, na modernidade, no contexto da vida urbana – veloz e fragmentada – o reencontro da cultura objetiva com a subjetividade dos sujeitos. Os objetos autonomizaram-se, tornando-se um fim em si mesmos. A reconciliação entre a cultura subjetiva e a cultura objetiva é a possibilidade de superar a tragédia da cultura.

Adorno reelabora mais tarde esta questão sob o título de semiformação, preocupado com a vida danificada. Esta interpretação inicial que este ensaio faz dos Jogos Olímpicos enquanto elemento ritual da modernidade que visa a sua manutenção estrutural a partir de narrativas míticas com as quais o sujeito fragmentado deve se identificar é uma tentativa,

ainda que bastante limitada, de expor a necessidade de reencontro entre as esferas da vida que se esfacelam e, mais ousadamente, uma tentativa de colaborar nesta direção.

7. Bibliografia

- Adorno, T & Horkheimer, M. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- Hall, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- Hrvey, David. *A Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.
- Foucault, Michel. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- Leach, Edmund R. *Sistemas Políticos da Alta Birmânia*. São Paulo: EDUSP, 1996. (Clássicos)
- Mauss, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.
- Rivière, Claude. *Os Ritos Profanos*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- Turner, Victor. *O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- Waizbort, Leopoldo. *As Aventuras de Georg Simmel*. São Paulo – USP: Ed 34, 2000.

Forma de Apresentação - DATASHOW

Endereço: Rua São Cristóvão, 687 – Bairro Coqueiros – Florianópolis (SC).
CEP: 88080-320